

# Assentando corpos e costurando memórias: as obras de Rosana Paulino como ferramenta para pensar memória nos corpos de mulheres negras

## **resumo**

O objetivo deste trabalho é descrever e analisar as memórias de sofrimento, de traumas, mas também de lutas, resistências e superação retratadas nas obras Assentamento e Embroidery Hoops de Rosana Paulino. Conversei as obras de Paulino com autores que apresentam estudos sobre o corpo negro e feminino e me inspiro na metodologia de Tina M. Campt em *Black Gaze* para trabalhar a organização visual deste artigo, onde por meio desta estratégia convido a cada leitor a não apenas construir um novo olhar sobre essas obras, mas senti-las e escutá-las. Com Spillers e Ramey Berry analiso o conceito de corpo-memória/corpo-arquivo, conceitos importantes para vincular as experiências desses corpos no tempo-espço não ocidental e para entender as sequelas físicas e psíquicas destes corpos na contemporaneidade como observa Victoria Butler. Desta forma, este artigo é uma autoetnografia já que eu mesma me permito experimentar a partir de minhas próprias memórias e de minha relação com meu corpo. A minha expectativa é que este artigo possa colaborar no entendimento das marcas de memórias que cada corpo pode apresentar e na construção de um novo olhar mais humanizado sobre corpos negros e femininos

## **palavras-chave**

mulher negra; corpos; memória; trauma; resistência; assentamento.

## Think about bodies and sewing memories: the works of Rosana Paulino as a tool for thinking about memory in the bodies of black women

### **abstract**

The aim of this paper is to describe and analyze the memories of suffering, trauma, but also of struggle, resistance and overcoming portrayed in Rosanna Paulino's works *Settlement* and *Embroidery Hoops*. I discuss Paulino's works with authors who present studies on the black and female body, and I am inspired by Tina M. Camp's methodology in *Black Gaze* to work on the visual organization of this article where, through this strategy, I invite each reader not only to construct a new look at these works, but to feel them and listen to them. With *Spillers* and Ramey Berry, I analyze the concept of the body-memory/body-archive, important concepts for linking the experiences of these bodies in non-Western time-space and for understanding the physical and psychological sequelae of these bodies in contemporary times, as Victoria Butler observes. In this way, this article is an autoethnography, as I allow myself to experiment based on my own memories and my relationship with my body. My hope is that this article will help to understand the memory marks that each body can bear and to build a new, more humanized view of black and female bodies.

### **keywords**

black women; bodies; memory; trauma; resistance; settlement.

## Asentar cuerpos y coser memorias: la obra de Rosana Paulino como herramienta para pensar la memoria en los cuerpos de las mujeres negras

### **resumo**

El objetivo de este trabajo es describir y analizar las memorias de sufrimiento, trauma, pero también de lucha, resistencia y superación retratadas en las obras de Rosanna Paulino *Asentamiento* y *Aros Bordados*. Discuto las obras de Paulino con autores que presentan estudios sobre el cuerpo negro y femenino y me inspiro en la metodología de Tina M. Camp en *Black Gaze* para trabajar en la organización visual de este artículo donde, a través de esta estrategia, invito a cada lector no sólo a construir una nueva mirada sobre estas obras, sino a sentir las y escucharlas. Con *Spillers* y Ramey Berry, analizo el concepto de cuerpo-memoria/cuerpo-archivo, conceptos importantes para vincular las experiencias de estos cuerpos en el tiempo-espacio no occidental y para entender las secuelas físicas y psicológicas de estos cuerpos en la contemporaneidad, como observa Victoria Butler. En este sentido, este artículo es una autoetnografía, ya que me permito experimentar basándome en mis propios recuerdos y en mi relación con mi cuerpo. Espero que este artículo contribuya a la comprensión de las marcas de memoria que cada cuerpo puede llevar y a la construcción de una nueva visión, más humanizada, de los cuerpos negros y femeninos.

### **palavras-chave**

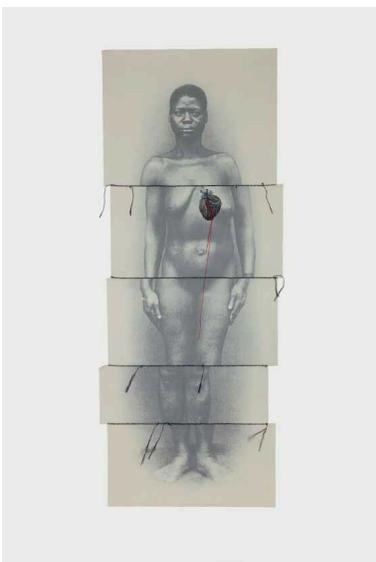
mujeres negras; cuerpos; memoria; trauma; resistencia; asentamiento.



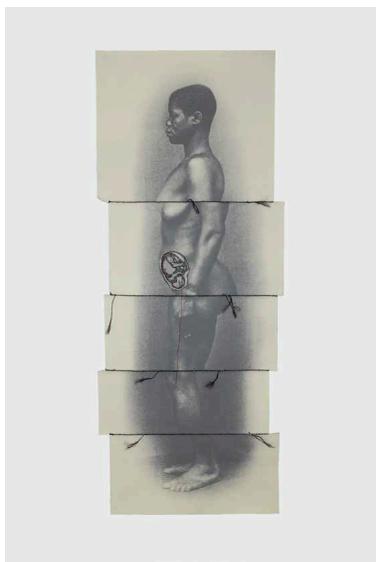
[Imagem 1] "Embroidery Hoops"



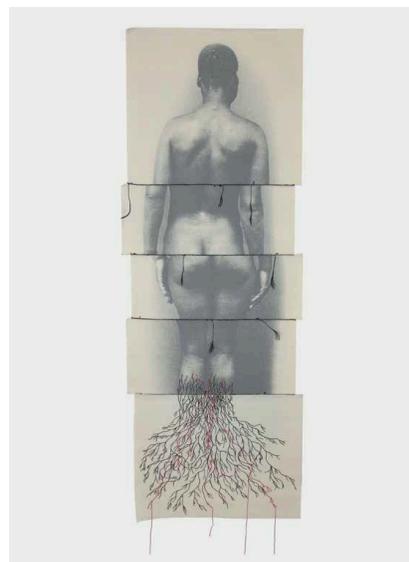
[Imagem 2] "Embroidery Hoops"



[Imagem 3] "Assentamento"



[Imagem 4] "Assentamento"



[Imagem 5] "Assentamento"

Fonte: Rosana Paulino, 2018

Esse ensaio nasce a partir de minha participação durante um dos meus cursos de PhD chamado *Performance, Race, Violence and the Body* conduzido pela doutora Christen Smith na Universidade do Texas onde estudo atualmente. Meu projeto de tese tem como marco teórico o tripé espaço, corpo e assentamento, por isso, esta classe foi fundamental para enriquecer meus conhecimentos sobre o corpo negro, especialmente o corpo negro e feminino. É com satisfação que compartilho aqui parte das discussões e epistemologias que desenvolvemos durante este curso.

As obras *Assentamento e Embroidery Hoops* de Rosana Paulino (2018) foram usadas para conversar com as literaturas e possibilitar uma ilustração que nos fizesse aproximar ainda mais das complexidades que o tema da classe convocava. Rosana Paulino soube representar em sua obra corpos negros traumatizados pelo Estado, corpos que em consequência a isso carregam sequelas ancestrais, no entanto, a artista também apresenta em sua obra contrapontos de que esses mesmos corpos são capazes de se refazer constantemente resignificando a carne traumatizada pelo colonialismo para humanizá-la, dentro do que a diáspora entende como formas de humanização na esfera social e política.

As obras de Paulino conversam muito com o trabalho de Spillers (1987) ao apontar a continuidade do cativo transatlântico nas geografias marginais uma vez que mesmo após a abolição as estruturas institucionais permanecem mantendo corpos negros na condição de carne. E os *“hieróglifos da carne”* ainda continuam mostrando as histórias de terror absoluto e brutalidade na contemporaneidade, mas o texto também aponta para a resistência desses sujeitos que transcendem a realidade da carne e que a resignifica. Jean-Charles (2014) considera que cuidar da matéria e proteger a alma é superar a experiência da dor para prosseguir no desafio contínuo à sobrevivência em zonas de constante conflito para corpos marginalizados.

Gostaria de compartilhar uma experiência que tive ao escrever este artigo. Creio que esta experiência poderá ser compreendida por muitas pessoas negras, já que compartilhamos o trauma da hierarquia racial e suas sequelas sociais. Quando comecei este trabalho eu desejava trabalhar com fotografias de mulheres negras que de alguma maneira tiveram seus corpos marcados pela exploração laboral, que no Brasil dizemos que são heranças coloniais como, por exemplo, a empregada doméstica. Selecionei umas fotografias das mulheres da minha família e da comunidade onde cresci em Minas Gerais, no Brasil. Eu quis traçar nessa linha, uma dialética entre as fotos dessas mulheres e as obras das obras de Rosana Paulino (2018) dialogando-as com as literaturas.

Eu estava em Buenos Aires a trabalho e decidi observar as fotos e as obras de Paulino (2018) no meu break, sábado à tarde. O dia estava lindo, havia sol e pensei que esse era o momento ideal para contemplar aquelas imagens e desenvolver um olhar que não fosse o binarismo entre espectador/objeto como argumenta Campt. Ao mesmo tempo sabia que seria uma atividade complexa para mim porque afinal, desenvolver esse olhar negro “requer trabalho –trabalho de desconforto, sentimento, posicionamento e reposicionamento– e solicita respostas viscerais para a visualização da precariedade negra” (CAMPT, 2021, p. 22).

Eu desejava trocar olhares atentos com aquelas imagens e escolher algumas delas para este artigo. Meu objetivo era olhar para as marcas naqueles corpos das fotografias para observá-las como continuidades das sequelas transatlânticas e coloniais nos corpos contemporâneos e destacar também as marcas causadas pelas lutas. Já que muitas vezes mulheres negras para defender suas demandas devem colocar o próprio corpo na luta, seja em marchas, seja na política institucional, seja nos sindicatos, nas academias etc. Em outras palavras, sem nossos corpos nestes espaços ariscos não iríamos conseguir pressionar o governo.

Este embate físico e psíquico eu entendo como tecnologias de resistência, estratégias de resiliência e uma série de mecanismos de sobrevivência criadas por elas mesmas que as reposicionam nesta arena política de luta pela vida na condição de sujeitos e não de carne subalterna para enfrentar a realidade, como aponta Ramey Berry (2017), Spillers (1987) e Jean-Charles (2014). Então, seguindo a metodologia de Camp (2021) comecei a contemplar esses corpos conhecidos, negros e femininos e vi que as obras de Paulino (2018) fazem referência a todo corpo feminino. Em outras palavras, em suas obras podemos nos reencontrar com as mulheres negras de nossa casa e de nossa vizinhança que de alguma maneira já experimentaram algum tipo de violência racial, seguida de gênero e de classe.

Em *Embroidery Hoops*, Rosana Paulino apresenta fotos de mulheres negras. As fotos foram tiradas em preto e branco o que destaca ainda mais a pele negra das mulheres no fundo branco. As imagens remetem a fotos para documento de identidade e as mulheres que aparecem nesses retratos estão com alguma parte de seus corpos costuradas com uma grossa camada de linha preta que para tapar o local a agulha passou várias vezes no mesmo ponto até cobri-lo completamente. O racismo é isso, camadas grossas de violências repetidas no corpo negando a existência plena do ser humano. O racismo deixa marcas profundas, ele mutila o corpo e produz feridas que por vezes sangram e por outras doem como aponta Grada Kilomba (2020).

Não é que eu nunca havia visto aquelas marcas antes, porque elas sempre estiveram ali, expostas e visíveis nos corpos das mulheres que eu conhecia e embora ninguém nunca dissesse nada sobre elas, todos sabiam que aquelas marcas estavam ali devido aos anos de trabalho no campo, doméstico, nos empreendimentos de pessoas brancas em Belo Horizonte, a capital de Minas Gerais, no Brasil. Como uma boa mineira, sempre gostei muito de observar, mas devo confessar que esse olhar político como fala hooks (1992) nem sempre esteve presente na minha vida. De acordo com Ramey Berry (2014), as pessoas negras sabem o seu valor, que vai muito mais além de vender mão de obra, mas nem todos têm uma visão política muito atenta às suas realidades e necessidades. No entanto, a visão de quem está nas margens da sociedade pode ser uma visão privilegiada de quem vê o sistema desde sua base, de quem sabe exatamente como ele funciona e percebe sua atmosfera de desafios e possibilidades.

Nessa dialética de olhar essas fotografias e ao mesmo tempo me permitir ser olhada por elas, me fez observar as heranças de um passado escravocrata recente. Nessas fotografias observei que todas as mulheres eram empregadas

domésticas, suas avós e mães também foram. A profissão doméstica é uma das profissões que considero vestígios da escravidão.

E mesmo eu tendo consciência de todo o macabro aparato político no qual é responsável pela manutenção das injustiças e explorações no ambiente de trabalho doméstico e que essas violências são responsáveis pelas deformações nos corpos daquelas mulheres; foi a primeira vez que eu realmente contemplei aqueles corpos. Inspirada pela metodologia de Campt eu provoquei um olhar radical para perceber a energia daquelas mulheres e sentir a gravidade daqueles corpos para tentar entender o que aqueles corpos tinham a dizer, como indica Campt.

Cabe destacar que o Brasil foi o último país do Continente Sul-Americano a abolir a escravidão no regime imperial e não no final da colonização como os demais países da região. Ou seja, a lei abolicionista tem apenas 134 anos, o que tecnicamente significa três ou quatro gerações de afrodescendentes legalmente livres, mas sabemos que mesmo após a lei muitas pessoas ainda foram escravizadas. Esse foi o caso da minha avó materna nascida em 1920, trinta e dois anos após a abolição e que trazia marcas visíveis no seu corpo.

O que eu vi me chocou e me causou uma dor profunda no peito, embora estivesse num lugar maravilhoso, me sentia num buraco, sem ar e sem nenhum amigo por perto para conversar sobre o que eu estava sentindo. Tive o que Campt (2021) e Butler (2018) chamou de “*haptic*” ou “respostas encarnadas” (VICTORIA BUTLER, 2018, p. 172) a partir do momento em que as imagens nos tocam e nos movem através e para mais além do que vemos. As imagens se tornam afetivas e por isso respondemos visceralmente porque essas imagens demandam múltiplas respostas sensoriais de nós como participantes e testemunhas.

Decidi tomar um banho de banheira – em Buenos Aires é comum ter banheira nos banheiros residenciais – coisa que raramente faço, mas queria descrever aqui o som de estar debaixo de água e escutar esse zumbido que acontece nos ouvidos quando mergulhamos a cabeça. Todo som externo desaparece, só se escuta esse zumbido e com a movimentação da água a ausência do tempo cronológico. O corpo vive a experiência de estar em outra dimensão entre real e irreal, entre o passado e o presente, entre a morte e a vida. Me lembrei do navio negreiro onde o navio se transforma num caixão, onde a atmosfera é de um velório e os corpos perdem sua humanidade (SHARPE, 2016; SPILLERS, 2021; HARTMAN, 2007). O Estado promove essa atmosfera do navio negreiro na nossa sociedade onde os corpos estão no limbo ou no vácuo sempre à espera de algum acontecimento que pode ser inclusive a própria morte.

Essa obra de Rosana Paulino retrata bem o sufocamento a que muitas pessoas negras são submetidas diariamente. A mulher da foto não tem um nome, tem um número. Me lembrava que algumas das mulheres das fotos não são chamadas por seus nomes, não possuem registro de nascimento correto, muitas não possuíam documentos importantes para o acesso a leis laborais. São mulheres que praticamente não existem para o Estado. Concordo com Jean-Charles (2014) quando ela fala que os corpos de conflito vivem, continuam sendo números e porcentagens para as instituições de direitos humanos, esses corpos sobrevivem ao “roteiro de violência” institucional que segue

perpetuando a “violência epistêmica do colonialismo e a do pós-colonialismo” (2014, p. 09).

Estive pensando na pergunta título do trabalho de Spivak (2017) “pode a subalterna falar?” na qual Jean-Charles (2014) faz uma paráfrase em sua introdução quando pergunta “pode o sobrevivente subalterno falar?” e quando a subalterna falar, “ela será ouvida por quem? E como essa escuta será feita?”. No seu trabalho, Jean-Charles (2014) considera as várias formas de violação que mulheres negras estão sujeitas e uma dessas formas é o silenciamento que impede que essas mulheres sejam vistas como sobreviventes. Como a autora aponta, é necessário que o sujeito desenvolva consciência “das histórias de terror absoluto e brutalidade, mas também a beleza e potencialidade” dos corpos que resistiram (SPILLERS, 1987, p. 67). Esse exercício de amar a carne nos desafia a “olhar para nossa história com orgulho e não com vergonha”, porque afinal, viemos de uma “linhagem de sobreviventes” como argumenta Ramey Berry (2017, p. 06).

Tive uma crise de pânico com o contato com as imagens e a psicóloga que me auxiliou numa conversa linda e receptiva, foi uma amiga afro-indígena brasileira. Após nossa conversa decidimos seguir os cuidados com minha saúde mental e corporal com banhos de ervas. Foi potente perceber que eu estava sendo tratada com saberes e rituais ancestrais produzidos por mulheres negras para cuidar não apenas da carne negra ferida, mas também no objetivo de curar a alma, de restabelecer forças espirituais que transcendem a carne como observa Ramey Berry (2017). Para a autora, o “valor da alma” (146) é o valor que pessoas negras atribuem a sua existência, a sua própria vida carnal e espiritual como algo que não se pode comprar. São técnicas de cura e cuidado de quem conhece e convive com a ferida incurável do colonialismo. E todo esse saber ancestral de cuidado é bastante ignorado pela academia.

Por isso o corpo se apresenta para mim como um corpo-arquivo ou corpo-memória como Octavia Butler (2018) apresenta com a personagem Dana que teve um braço amputado durante uma de suas viagens no tempo. Dana perde o braço no passado, mas ao voltar para o presente percebe que está sem o braço. O trabalho de Octavia Butler me fez pensar em algumas questões como: O que deveria mudar nosso presente quando nos reencontramos com nossas memórias? O que fazer quando nossas memórias são mais dolorosas do que esperávamos? O contato com o passado será sempre um exercício no qual sairemos mais completos ou mutilados?

O tempo-espaço no qual as memórias se constroem no trabalho de Butler (2018) fazem conexão com a ideia de “Passagem do Meio” de Toni Morrison, ou seja, esta terceira via da memória, este espaço-tempo psíquico onde a memória inicia seu processo imaginativo de construção e reconstrução e isso não quer dizer que esse processo tenha que encontrar um fim, uma solução, uma resposta. O tempo-espaço psíquico que apresenta Butler (2018) explode em reinvenções, ultrapassam o entendimento do aqui e agora. Esse espaço psíquico é onde as histórias estão permitidas acontecer a partir de um imaginário negro.

Esse espaço vazio que está entre o presente e o passado de Dana é o espaço de produção de memória onde os discursos, histórias e narrativas se cruzam, se

encontram e se reinventam. Portanto, considero que esse espaço é também o espaço da transcendência e do sagrado, onde de certa maneira, colabora para que especialmente as mulheres negras, as quais considero as guardiãs das memórias, possam preenchê-lo com seus imaginários, contos, lembranças e (re) construir as memórias que elas gostariam que fizessem parte do presente, ainda que sejam dolorosas.

Embora essa tenha sido uma experiência pessoal complexa, eu analisei esse processo como importante porque percebo que o debate sobre memória na academia continua sendo algo necessário e desafiador. Essa experiência me fez perceber que enquanto acadêmica negra, devo estar constantemente em busca de nossas memórias, nossa ancestralidade e lutar contra a política do esquecimento que se impregnou nos espaços institucionais.

A obra *Assentamento* de Paulino (2013), logo abaixo, se personifica no corpo de cada mulher que sofre, mas paradoxalmente, o corpo como território de desumanização desde a perspectiva branca, se ressignifica a partir da luta de mulheres negras para se tornar um corpo glorificado. O trauma da travessia transatlântica e do colonialismo que fragmentam nossa corporeidade é restaurado pelas próprias mulheres negras quando exigem ser reconhecidas como humanas e como as que gestam a sociedade desde a sua base.

Nessa obra de Paulino (2018), vemos uma imagem de uma mulher negra cuja foto foi cortada e depois costurada em partes desiguais e não assimétricas. No corpo desta mulher, Paulino destaca um coração vermelho sangrando e o sangue escorre até as genitálias da mulher. Essa imagem me remete a obra de Candido Portinari chamada *Sagrado Coração de Jesus*, mas aqui vemos um Jesus feito mulher que é sacrificada nas zonas de guerra e nas zonas de paz como demonstra Jean-Charles (2014).

O corpo das mulheres negras sempre foi alvo de violências sexuais, domésticas e de políticas de controle de natalidade, objetos para o estudo “em nome da ciência”, especialmente na medicina bem como todo tipo de violação durante a vida e depois da morte, como relata Ramey Berry (2017), percebo essas emendas como traumas e sequelas de uma série de violações e invasões a seus corpos.

Jean-Charles (2017) analisa o estupro de mulheres negras em zonas de conflito como uma de muitas formas de colonização aos corpos das mulheres. O trabalho de Jean-Charles nos faz pensar na ideia de corpo-território onde ambos não estão livres do desejo de controle do ocidente. O estupro está presente em todas as invasões, como as que acontecem nas favelas, vilas, comunidades indígenas e quilombolas onde há vários depoimentos que acusam os agentes do exército ou da polícia de cometer este tipo de violência durante as missões designadas pelo governo, como a famosa ação de “pacificação” nas comunidades do Rio de Janeiro, por exemplo.

De acordo com Jean-Charles (2017), a cultura do estupro está interligada com a desassociação do conceito mulher às mulheres, somado a relação de poder patriarcal e racial que submetem as mulheres a condição de objeto e propriedade tirando delas o direito de decidir sobre o próprio corpo. A autora nos convida a observar o estupro como uma ação que antecede outras violências como a violência institucional nacional e transnacional, por meio

dos organismos, epistemológica, devido à falta de conhecimento sobre o estupro, midiática, que tende a criminalizar a vítima, e a cultural, que cria a “cultura do silêncio” que colabora para a manutenção da “cultura do estupro”; já que a primeira impede que o debate vá mais além dos traumas no corpo da vítima, impossibilitando apontar outras manifestações e significados sobre.

Cabe destacar que o estupro é uma herança colonial onde homens e mulheres escravizados eram também submetidos a relações sexuais forçadas, inclusive com objetos e animais. Jean-Charles (2017) chama “*pain pleasure*” o prazer que o estupro causa no opressor. E aponta que essa relação de poder e controle sobre o corpo do outro é justamente a destituição de humanidade e gênero. Spillers (1987) analisa que o colonialismo tratou todo corpo negro como Queer porque não havia separação laboral por gênero, da mesma forma que não havia uma escolha pelo sexo dos escravizados para violentá-los, o que na minha perspectiva não foi bem assim.

Abro um parêntese para dizer que eu discordo de Spillers neste ponto porque acredito que sim havia uma escolha por gênero para o desempenho de alguns trabalhos como os de limpeza, cuidado e cozinha, desta forma, por estarem mais perto da branquitude, eram as mulheres negras as que sofriam mais violações sexuais que homens e de acordo com Angela Davis (2016) até mesmo no trabalho no campo, o corpo feminino o escolhido para tais violências.

Jean-Charles (2017) observa que mulheres negras deveriam ser contempladas a partir da perspectiva de sobreviventes e não de vítimas. Ou seja, o prazer pela dor é um fetiche branco e esse lugar de vítima nunca foi aceito pela diáspora negra, especialmente pelas mulheres, porque sobreviver é poder. É dizer que corpos negros se reconstroem a partir da valorização e da ressignificação de seus corpos. Corpos negros amando seus corpos, culturas, identidades, subjetividades, cuidando de si e do coletivo. A diáspora aparece aqui como um território de contenção que preza pela vida e pela transcendência da carne e, por isso, o corpo mesmo com suas marcas, seus traumas e sequelas é um corpo glorificado. É corpo. É humano e humanizado pelos seus sem nunca ter necessitado de uma validação branca e isso é muito potente na minha visão.

Na segunda parte desta obra, Paulino (2018) apresenta um feto dentro de um útero que sangra como o coração na obra acima. Esse sangue simboliza a vida, sentimento, afeto, mas também dor, sofrimento e morte. De acordo com Ramey Berry (2017), mulheres negras estavam na condição de animais na escravidão e, portanto, eram tidas reprodutoras, dessa forma, a experiência da maternidade foi algo negado. Aqui observo o termo desde a perspectiva ocidental de maternidade que centraliza apenas o núcleo familiar. Se observarmos a maternidade desde a perspectiva diaspórica veremos que toda mulher negra maternou, independente se passou ou não pela experiência da gestação. Ramey Berry (2017) apresenta os leilões de pessoas negras onde mulheres grávidas tinham seus filhos vendidos antes mesmo do nascimento.

Nesta última obra desta sequência, Paulino apresenta um corpo enraizado em raízes que sangram, indicando pertencimento e ancestralidade. Portanto, a obra chamada de *Assentamento* remete a esses corpos negros que foram “assentados” no novo mundo, primeiro de forma violenta, sangrenta e desumanizadora a partir de corpos que foram atirados no oceano e

assassinados pela escravidão. Depois, houve vários assentamentos religiosos onde os negros puderam assentar seus orixás nas Américas e consagrar a nova terra a seus Deuses e, uma vez feito isso, o espírito de pertencimento a nossa terra surge ainda com mais força nas comunidades negras. Eu considero que nossa memória e ancestralidade estão assentadas não apenas no território latino-americano, mas no corpo das mulheres negras que eu as considero como guardiãs de nossa história já que são elas, muitas vezes, as responsáveis por transmitir esses saberes.

Todo corpo negro é um corpo mutilado pela experiência colonial como demonstra Butler (2018). O colonialismo deixou marcas profundas na carne negra a partir de vários genocídios como o cultural, o linguístico, o histórico, o familiar, o identitário entre outros. A experiência do assentamento é a experiência dos corpos que sobrevivem, que resistem, que enfrentam o sistema. É a experiência de corpos que se recusam a morrer, a se disciplinar e a obedecer. É a experiência de corpos transgressores, rebeldes e revolucionários.

A experiência do assentamento não é a experiência do amor romântico, é a experiência radical de amar o que temos, o que conseguimos ser e o que estamos construindo para nossa diáspora (HOOKS, 2019). E amar nosso corpo negro fragmentado é um processo doloroso, que exige olhar a ferida da colonização, reconhecer que levamos traumas e sequelas ancestrais, mas ao mesmo tempo é criar políticas de vida para enfrentar as políticas de morte que nos rondam desde sempre. Lutar pela vida é um ato subversivo, especialmente para mulheres negras, cujo o útero sempre foi um espaço de disputa, disciplina e controle.

Na minha tese de doutorado eu quero contemplar o corpo negro e feminino nos becos das favelas brasileiras. As favelas para mim são assentamentos, são ocupações que desafiam, confrontam, desarmonizam e desarticulam a arquitetura modernista nos espaços urbanos. As favelas, assim como os corpos negros, são espaços de tensões e de disputa. As favelas são vistas como um não-lugar pelo Estado, assim como seus moradores são vistos como sub-humanos e até mesmo como não humanos por ele (SPILLERS, 1987).

Nas favelas são onde a maioria dos corpos negros foram assentados, com o sague de cada pessoa negra que teve sua vida ceifada pelo Estado. As favelas são territórios onde o corpo negro toma para si sua corporalidade, formas de transitar, resistir, amar, viver, sonhar e lutar. E essas estratégias de defender a vida negra e criar e reinventar formas de sobrevivência e empoderamento dentro do estado de sítio e de exceção como argumenta Achille Mbembe (2011) para mim, é assentamento.

A negritude está construindo um olhar sobre si mesma e esse olhar decolonial constrói imagens positivas sobre seu corpo encarnado e reforça o laço ancestral negro, o orgulho étnico-racial e recuperação de memórias (CAMPT, 2021). Esse olhar é o olhar de um corpo que criou estratégias de manutenção da vida para confrontar as políticas de morte. Esse olhar negro, que sai da posição de quem é observado e devolve o olhar para o Estado que o observa. Este olhar dinâmico, atrevido, forte e desafiador irá produzir uma nova consciência negra que não aceitará mais os julgamentos desse olhar racista e sexista do Estado. Portanto, acredito que esse novo olhar negro sobre si mesmo, sua comunidade

e o espaço é parte fundamental para a construção do novo mundo que buscamos.

Considerações finais: Não foi fácil escrever este texto porque ele me obrigou a olhar para mim, para corpos ancestrais, nossa corporeidade negra e tudo que isso implica. Foi difícil pensar em corpos negros e nos traumas que ele carrega. Porém, considero importante essa reflexão ter começado a partir das minhas experiências como mulher negra observando seu corpo e os que há nele. Muitos gatilhos foram acionados e todos eles me trouxeram contribuições e me fizeram tomar decisões práticas como não postergar mais os cuidados com minha saúde física e mental. A academia não está nem um pouco preocupada com isso e esses cuidados devem ser tomados como estratégias de luta de quem quer sobreviver nesta arena, isso sirva também para ativistas negros, políticos negros, estudantes negros e todo tipo de profissional negro. Sobreviva nesta arena e comece cuidando de seu corpo.

Em seguida procurei descrever as obras da série *Assentamento e Embroidery Hoops* de Rosana Paulino (2018) no objetivo de que elas pudessem ilustrar e dialogar com minhas reflexões e os argumentos das literaturas. A partir das análises sobre corpos negros e femininos de cada literatura eu pude observar como as memórias encarnadas ainda ecoam no capitalismo racial que mantém as estruturas ideológicas coloniais de ver o corpo negro como carne, como propriedade e como produto de lucro e prazer. Paulino (2018) apresenta que não apenas a dor e a sequela estão assentadas no corpo negro transatlântico, mas também a resistência do corpo em si. Embora suas obras revelam as barbaridades e os traumas do colonialismo que ainda sangram a carne negra na contemporaneidade, a artista apresenta um corpo que escolheu sobreviver, se pertencer e guardar suas raízes ancestrais.

Inspirada pela metodologia de Tina M. Campt em *Black Gaze* trabalhei nas descrições das obras de Paulino e procurei a construir um olhar negro que também pudesse sentir e escutar o que as imagens expressavam. Um exercício que parece fácil, mas não é. Desenvolver esse olhar político como nos alerta hooks (1992) sobre nossos corpos, nossa ancestralidade e descendentes pode não ser um exercício confortável, porém é um exercício que empodera nossa percepção sobre nós mesmos e nossa diáspora, afinal somos descendentes de sobreviventes e isso é motivo de orgulho como alerta Ramey Berry (2017). Com Spillers (1987), Butler (2018) e Ramey Berry (2018), analiso a ideia de memória encarnada ou corpo-memória/corpo-arquivo, conceitos importantes para entender as experiências ancestral de amar a carne, cuidar da ferida colonial com técnicas de cura ancestral para ser possível renascer, recriar um corpo glorificado, um corpo que construiu um valor para si e cujo valor ultrapassa o tempo daqui e o agora e a matéria física na qual também atribui valor ao espírito, ao passado, a memória.

Com Jean-Charles (2014), pude perceber que mulheres negras estupradas não querem ser vistas como vítimas e sim como sobreviventes. Dessa forma, considero que a atitude política dessas mulheres mostra que as várias formas de estupro não foram capazes de minar a existência e a resistência delas. Em outras palavras, as mulheres negras estão dizendo aos organismos nacionais e internacionais que seus corpos são territórios decoloniais e, portanto, nenhuma força patriarcal que mantém a cultura do estupro, da dominação ou

possessão podem destruir suas existências e controlá-las. Assentamento também é uma forma de transgressão e desobediência às experiências coloniais, patriarcais e racistas. Ainda que mulheres negras ao se confrontarem com suas sequelas e traumas vividas no capitalismo racial elas estão dispostas a buscar formas de cura, de glorificação, de empoderamento de seus corpos e mentes. E desde meu lugar, o exercício de olhar e ser olhada, de escutar e sentir corpos negros e femininos é um exercício que quero continuar não apenas durante meu processo de pesquisa e escrita de minha tese de PhD, porque vejo extremamente necessário trabalhar esse olhar humanizador neste sistema que nos tira da condição de humanos sempre que há oportunidade.

**referências**  
**referencias**

- BERRY, D. R. **The Price for Their Pound of the Flesh: the value of the enslaved, from womb to grave in the building of the Nation**. Boston: Beacon Press, 2017.
- BUTLER, O. **Kindred**: A Graphic Novel Adaptation by Damian Duff and John Jennings. Rochester: New York Abrams, 2018.
- CAMPT, T. M. **A Black Gaze**: artists changing how we see. Princeton, New Jersey: The MIT Press, 2021.
- DAVIS, A. **Mulher, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- HARTMAN, S. **Lose Your Mother**: a Journey along the Atlantic slave route. Farrar: Straus and Giroux, 2007.
- HOOKS, B. **The Oppositional Gaze in Black Looks**: race and representation. Boston, MA: South End Press, 1992.
- HOOKS, B. **Tudo sobre o amor**. São Paulo, SP. Elefante, 2019.
- JEAN-CHARLES, R. M. **Conflict Bodies**: the politics of rape representation in the francophone imaginary. Columbus, Ohio: Ohio State University Press, 2014.
- KILOMBA, G. **Memories of the Plantation**: episodes of daily racism. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MBEMBE, A. **Necropolítica**. Madrid, España: Melusina, 2011.
- PAULINO, R. A **Costura da Memória**. São Paulo: Pinacoteca, 2018.
- SHARPE, C. **In the Wake**: on blackness and being. Durham: Duke University Press, 2016.
- SPILLERS, H. J. Mama's Baby, Papa's Maybe: un american grammar book. **The American Connection**, 17, 64-81, 1987.
- SPIVAK, G. C. **Can The Subaltern Speak?** London: Macat Press, 2017.

**Associação de Investigadores/as Afrolatinoamericanos/as e do Caribe • A I N A L C**

Cidade Universitária de Dourados - Caixa Postal 351 / CEP 79804-970

Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil

diáspora africana



**REVISTA DIÁSPORA AFRICANA**  
**JUNHO DE 2024**

**COLABORARAM COM ESSE NÚMERO**

**Artigos/Ensaios**

Denise Braz

Elena Lorac

Jorge Enrique García Rincón

Luis Oswaldo Martelo Ortiz

Margleinis Mosquera Cuesta

Michele Lopes da Silva Alves

Paula Lezama

Sorancy Agrono Morales

**Tradução**

Marcos de Jesus Oliveira

**Revisão e normatização**

Ângela Pinto Rangel

Marcos de Jesus Oliveira

Michele Lopes da Silva Alves

José Sena

**Edição**

Marcos de Jesus Oliveira

Michele Lopes da Silva Alves

José Sena

**Projeto gráfico editorial**

Ângela Pinto Rangel

**Diáspora Africana** es una revista en formato electrónico, de libre acceso, publicada por la Asociación de Investigadores Afrolatinoamericanos y del Caribe (AINALC). Su principal objetivo es difundir los estudios sobre las relaciones étnico-raciales en diferentes contextos latinoamericanos y caribeños, individualmente y/o en sus múltiples relaciones intercontinentales y globales, así como investigaciones sobre la diáspora africana y África realizadas ya sea por intelectuales afrodescendientes y/o negros de América Latina y el Caribe, ya sea por quienes se comprometan con la lucha antirracista y la equidad.

# diáspora africana



## nº 01

Corpo, Migração, Comunidades:  
cartografias, vivências,  
memórias e economia

Cuerpo, Migración, Comunidades:  
cartografías, experiencias,  
memorias y economía

DE  
EL  
JO  
EM  
AR  
MI  
PA  
SO